

Para Cavallo, ajuste fiscal é prioridade

Na opinião do ministro da Economia da Argentina, Domingo Felipe Cavallo, a situação política do Brasil impõe à equipe econômica grandes dificuldades para implantação completa do programa de ajuste econômico. Comparando o caso argentino ao brasileiro, Cavallo declarou que, no seu país, "a transformação econômica pode ser feita em contexto mais favorável do que no Brasil", completando, adiante: "O presidente Collor e seus ministros estão fazendo um esforço muito grande, mas em contexto político mais complicado". O ministro deu estas declarações em entrevista coletiva, após discurso no Seminário Internacional de Desregulamentação, ocorrido recentemente em Brasília.

Sem querer vender a solução argentina (a dolarização, que garantiu a conversibilidade do peso em dólares) ao caso brasileiro, Cavallo preferiu dar ênfase à necessidade do ajuste fiscal para que qualquer plano econômico tenha sucesso. "Na Argentina, o plano de conversibilidade só foi implantado depois de estarmos cem por cento certos de que o déficit fiscal seria eliminado. Apenas em março de 1991, nós nos convencemos que teríamos

equilíbrio suportável e pleno para pagar os juros das dívidas interna e externa". Para Cavallo, implantar a livre conversibilidade do peso em relação ao dólar sem essa certeza seria "repetir o horror de fixar a taxa de câmbio", sem o respaldo de uma "política fiscal e monetária que preservasse o poder da moeda".

Esta posição foi referendada pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros. No discurso de agradecimento, Gros fez questão de lembrar a sua posição em relação às sugestões de dolarização da economia brasileira: "Da experiência argentina, não devemos buscar o superficial, mas sim os seus pontos fundamentais: o equilíbrio fiscal e orçamentário", disse Gros.

Segundo o ministro argentino, o presidente Carlos Menem, ao implantar as reformas econômicas, contava com boa sustentação política, já que ostentava maioria parlamentar no Senado e na Câmara. A maioria foi alcançada depois de acordos com pequenos partidos. O ministro apressou-se em explicar que na Argentina "não tivemos crise política demasiado séria". Segundo ele, o que houve foram "críticas e acusações de corrupção", que a maioria do Governo no Congresso Nacional conseguiu contornar.

Cavallo admitiu que chegou a sofrer pressões para liberar verbas, mas, segundo ele, o fato de a transição política argentina ter se dado em plena hiperinflação funcionou como uma "lição educativa" para o setor político,

o que facilitou a aprovação do processo de ajuste fiscal. Além disso, segundo ele, as pressões partiram de setores da economia. No caso brasileiro, a liberação de recursos é parte de um plano para que o próprio presidente Collor consiga apoio parlamentar.

Cavallo chegou a fazer um protesto em relação a como os brasileiros interpretaram o plano argentino. "Vocês chamam aqui de dolarização, quando o que fizemos foi justamente o contrário. Recuperamos a noção de que o país tem uma moeda com valor estável", disse.

Segundo Domingo Cavallo, o programa de privatização argentino, que incluirá também Companhia de Petróleo Estatal (YPF — Yacimientos Petrolíferos Fiscales), já contribuiu para a redução das dívidas externa e interna em 7 bilhões de dólares, sendo que no primeiro trimestre de 1993 mais 6 bilhões de dólares serão abatidos, chegando à cifra de 13 bilhões de dólares. Segundo ele, os investimentos externos no país aumentaram 40 por cento de abril de 1991 até hoje, enquanto que a repatriação de capital chegou a 12 bilhões de dólares. O retorno de capital, antes investido no exterior ou paralisado em forma de moeda forte nos bancos, provocou grande aumento do crédito interno.

Para Cavallo, não há defasagem na taxa de câmbio argentina, ao contrário do que vem afirmando o ex-ministro da Economia argentino Aldo Ferrer.